

A indiferença pura e a estratégia do vazio no universo individualista: a perspectiva de G. Lipovetsky

Ronaldo da Costa Formiga ()*

Introdução

Pretendemos discutir, nesse artigo, o pensamento de Lipovetsky¹ quanto às consequências da modernidade no que diz respeito ao avanço surpreendente das existências e aspirações individualistas.

Ao mesmo tempo em que ressalta a substituição dos princípios da hierarquia e da tradição pelos princípios da igualdade e da liberdade, a lógica do individualismo decreta o advento da era democrática, mas a passagem de uma cultura holista a uma cultura individualista, traz, simultaneamente, uma série de fenômenos negativos. Entre eles Lipovetsky destaca o que ele intitula de “leucemização das relações sociais”, diretamente associado a um impasse relacional e a uma crise comunicacional sem paralelos. A precariedade da comunicação intersubjetiva juntamente ao progressivo esfacelamento da vida comunitária seriam evidências de uma cultura igualmente marcada pela indiferença ao político e obsessão pelo consumo. Ao analisar o fenômeno da moda, Lipovetsky a define a partir de uma lógica que atravessa estruturalmente as sociedades ocidentais modernas e se torna, assim, inseparáveis do individualismo². Agente maior da “espiral individualista” e da consolidação do universo democrático, a moda traria, por outro lado, questões tipicamente modernas, como, por exemplo, a depressão, o sofrimento existencial, inquietações de ordem psicológica resultante de um alargamento da

(*) Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj/Faetec).

¹ Ver especialmente “O império do Efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas” e “A Era do vazio”.

² “A moda como sistema é que é inseparável do “individualismo”, em outras palavras, de uma relativa liberdade deixada às pessoas para rejeitar, modular ou aceitar as novidades do dia, do princípio que permite aderir ou não aos cânones do momento. Para além do inegável conformismo dos comportamentos e das diferenças de classes, o parecer desprende-se da uniformidade tradicional; tornou-se, muito imperfeitamente e muito desigualmente segundo os séculos, os meios e as pessoas, questão de gosto privado, de escolha, de disposição pessoal”. In: Lipovetsky, “O Império do Efêmero. A Moda e seu destino nas sociedades modernas”, p. 43.

autonomia privada. Crises íntimas seriam simultâneas a este retorno do indivíduo a si mesmo em função da euforia produzida pela moda. Quanto mais incluso no que o autor define como “processo de personalização”³ (e o fenômeno da moda refletiria perfeitamente este processo), mais nos tornaríamos problemáticos do ponto de vista psicológico, tanto para os outros, quanto para nós mesmos.

É importante ressaltar, aqui, que a decomposição do universo holista conduziu às duas dimensões da modernidade, sendo que ambas não se excluem obrigatoriamente: a cultura individualista da independência se encontra lado a lado à cultura humanista da autonomia (a dominação metapessoal). Assim como Dumont revela suas preferências (mesmo negando-as eventualmente) pela hierarquia em detrimento da igualdade, a crítica à dimensão supostamente “negativa” da modernidade e do individualismo que lhe caracteriza aparece como a simples substituição da relação de cada homem com respeito ao outro pela primazia concedida à relação homem/coisas. A independência é definida como a antihierarquia por excelência que aponta para o caos de consumo, dominação e produção que marca a modernidade. No entanto, é pela noção de autonomia que acreditamos ser possível pensar numa preservação, mesmo que diluída, da hierarquia, o que torna a modernidade um universo bem distante do aparente caos que o “social atomizado” transparece. É neste quadro de mútua implicação entre os valores de independência e autonomia que é preciso pensar a socialização moderna e, por oposição, a socialização dita pós-moderna. A contribuição de Lipovetsky é decisiva neste ponto para que possamos apontar a necessidade de refletir sobre as respectivas valorizações da autonomia e da independência no que diz respeito à passagem modernidade/pós modernidade.

Se a modernidade enfatiza, por um lado, a independência e esta destaca a dessocialização do homem na medida em que este se define por uma subjetividade sem intersubjetividade⁴, por outro lado, ela também enfatiza a autonomia que, conforme dito, não supõe uma tal dessocialização. A autonomia moderna não se reduz a uma lei que eu me autoconceda e, por conseguinte, não se opõe à ideia de uma regra contrária ao arbitrário de uma particularidade⁵. A lógica do individualismo não está, cremos, definitivamente inscrita na lógica global da modernidade pelos motivos acima expostos.

³ Ver “A Era do Vazio. Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo”, Relógio d’Água, Portugal, 1989.

⁴ O homem enquanto tal se concebendo e se constituindo independentemente de toda relação à sociedade.

⁵ O esforço kantiano para definir a autonomia de modo anti-individualista revela a mencionada tendência da modernidade no sentido acima citado.

Trata-se de uma etapa histórica em que os valores do sujeito ainda predomina sobre o valor do indivíduo, muito embora a passagem do primeiro ao segundo esteja se delineando no horizonte e só com o advento da alta modernidade este último vai se configurar como valor central. Por ora, pensar a subjetividade é pensá-la em termos da intersubjetividade.⁶

É curioso observar a posição de Dumont no que diz respeito à noção de intersubjetividade. Interdependência (característica maior da hierarquia holista) pressupõe, para o autor, intersubjetividade. Desta maneira, sociedades modernas seriam inevitavelmente marcadas pela dessocialização individualista que, por sua vez, supõem liberdade e igualdade. No entanto, o que Dumont esquece é exatamente o valor autonomia como implicação direta da intersubjetividade moderna. Não haveria, assim, a maniqueísta oposição entre sociedade de castas e sociedades ocidentais modernas do ponto de vista da preservação do ideal de intersubjetividade. Esta última, por não ser digna de uma reflexão unicamente em termos da perspectiva holista, não se antagoniza ao social desvitalizado que, pensamos, pode ser apontado como característica da pós-modernidade, como bem coloca Lipovetsky. A modernidade estabelece, assim, o reconhecimento de um alter ego, onde a alteridade é percebida com base na noção de identidade (autonomia como fundamento da subjetividade).

Se voltarmos à Lipovetsky e ao que o autor denomina como “processo de personalização”, observamos que a socialização pós-moderna está centrada na hipervalorização do idiossincrático (e, portanto, da independência) como forma de dessubjetivação (e, portanto, como relativização da autonomia). Enquanto Lipovetsky aponta para a “dessubstancialização do Eu”⁷, autores como Vattino⁸ apontam para o acaso do sujeito (a consciência não mais como a instância suprema). Por outro lado, Foucault⁹ problematiza ainda mais esta discussão e questiona as clássicas definições das noções de indivíduo e sujeito como, respectivamente, conceitos relacionados à prática social (o indivíduo) e de caráter eminentemente filosófico (o sujeito).¹⁰

⁶ A discussão kantiana acerca dos três modos de comunicação (ética, conhecimento, estética) traz, sabemos, a questão do sujeito moral e da vontade como autônoma. A razão prática e/ou o sujeito autônomo se referem a uma essência social; enquanto sujeito moderno se pensa no horizonte da autonomia (e não da independência).

⁷ Lipovetsky, G., *ibid*, p. 80.

⁸ Vattino, Gianni. – “O Fim da Modernidade – Niilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna” – Ed. Maertins Fontes, S.P., 1996.

⁹ Foucault, Michel – “História da Sexualidade 3: o cuidado de si”, R.J., Ed. Graal, 1985.

¹⁰ A este respeito vejamos a seguinte colocação de Villaça, N.: “As noções de indivíduo e sujeito tendem a perder seus contornos, recebendo múltiplas leituras. A propósito da distinção que se costumava fazer sobre

Lipovetsky e o individualismo pós-moderno: a segunda revolução individualista

Vejam, então, como Lipovetsky nos apresenta o tema do individualismo pós-moderno e sua relação com questões como o princípio das singularidades individuais, o hedonismo e a erosão do universo disciplinar pelo já citado “processo de personalização”.

O pressuposto de suas análises nas obras mencionadas se refere à constatação de um movimento de desagregação da sociedade ocidental que afetaria os costumes, o indivíduo contemporâneo da época do consumo de massa e prende-se, também, à emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, em ruptura com o instituído desde os séculos XVII e XVIII. Trata-se, segundo o autor, de uma mutação histórica que produziu (e produz) efeitos bem concretos: em particular, a disseminação de valores hedonistas, permissivos e psicologistas que teriam gerado uma nova forma de controle dos comportamentos e, ao mesmo, uma diversificação incomparável dos sonhos de vida, uma valorização extremada da esfera privada, uma flutuação sistemática das crenças e dos papéis. Em suma, uma nova fase na história do individualismo ocidental.

O que se observa nas sociedades ocidentais pós-modernas é uma revolução permanente do cotidiano e do próprio indivíduo, isto é, como foi mencionado acima, privatização alargada, erosão das identidades sociais, desinvestimento ideológico e político, desestabilização acelerada das personalidades. Estaríamos, segundo Lipovetsky, vivendo uma segunda revolução individualista. A primeira é a que teria feito a passagem da pré-modernidade para a modernidade é, ao mesmo tempo, a que teria permitido a emergência do “indivíduo” enquanto categoria. O que caracterizaria a segunda revolução individualista seria explicado através do “processo de personalização”. Uma ideia central governa a reflexão do autor à medida em que as sociedades democráticas se desenvolvem, sua inteligibilidade se revela à luz de uma lógica nova: o processo acima referido. De acordo com Lipovetsky, este processo não para de remodelar em profundidade o conjunto

o sujeito ser um conceito filosófico e o indivíduo um conceito que se relacionava com a prática social, Foucault mostra que o sujeito é uma prática social tanto quanto o indivíduo um conceito filosófico. Ele não afirma o valor absoluto do indivíduo na sua singularidade ou a valorização da vida privada, mas uma mudança política, cuja chave está na forma do sujeito se proporcionar novos processos de subjetivação. A forma do sujeito, entendida não como a do cogito ou do sujeito transcendental, autônomo, mas de um sujeito ascético que se constitui nas práticas de si”, in Villaça, N. “Em Pauta: corpo, globalização e novas tecnologias” – VILLAÇA, N. Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad/Ed. CNPQ, 1999.

dos setores da vida social e procede de uma perspectiva comparativa e histórica, designando o sentido de algo novo, de um tipo de organização e de controle social que nos arranca à ordem disciplinar-revolucionária-convencional que teria predominado até, mais ou menos, os anos cinquenta.

Desta maneira, o processo de personalização indica, basicamente, ruptura com a fase inaugural das sociedades modernas democráticas-disciplinares, coercitivas. A hipótese levantada pelo autor é, portanto, a de uma mutação sociológica global em curso, que poderia ser dividida em dois aspectos centrais: de um lado, negativamente, a fratura da socialização disciplinar, de outro lado, positivamente, a instalação de uma sociedade flexível, baseada na informação e na estimulação das necessidades, no sexo e no levar em conta os fatores humanos, no culto da naturalidade, cordialidade e humor.

O processo de personalização opera, assim, através de um novo modo da sociedade se organizar e se orientar, um novo modo de gerir os comportamentos, com o mínimo possível de coações e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de compreensão. Através deste processo, as instituições sociais passam a se fixar nas motivações e nos desejos, além de incitar à participação e organizar os tempos livres e o lazer, manifestando uma mesma tendência no sentido da humanização, diversificação e psicologização das modalidades de socialização. Para Lipovetsky, após a domesticação autoritária e mecânica, temos a permissividade como forma paradoxal de controle social¹¹. Vivemos, então, uma época em que se observa novos procedimentos inseparáveis de novas finalidades e legitimidades sociais. Permeando o tecido social estão presentes valores hedonistas, respeito pela diferenças, culto da libertação pessoal, descontração, humor, sinceridade, psicologismo, expressão livre. Lipovetsky, então, se pergunta: “que quer isto dizer senão que uma nova significação de autonomia¹² se instalou deixando muito para trás o ideal que a época democrática autocrática se fixara?”¹³

Modernidade e pós-modernidade se antagonizam, fundamentalmente, para o autor, na forma como a “liberdade individual” é constituída. A lógica da vida política, produtiva, moral, asilar, escolar consistia, na modernidade, em “mergulhar o indivíduo numa rede de regras uniformes, em abstrair tanto quanto possível as formas das preferências e das

¹¹ É interessante pensar o feminismo como uma vertente do individualismo pós-moderno.

¹² E aqui, cabe apontar o mesmo impasse teórico que encontramos em L. Dumont, ou seja, a confusão e indissociação entre as noções de autonomia e independência. Ver Dumont, L. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. RJ. Rocco Ed., 1985.

¹³ Lipovetsky, G., “A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo”, Ed. Relógio d’Água, Portugal, 1989. p. 9.

preferências e das expressões singulares, em afogar as particularidades idiossincráticas numa lei homogênea e universal”¹⁴. Os valores individualistas nasceram, assim, com base na necessidade de se eliminar a sua indeterminação constitutiva. É exatamente este imaginário centralizador e rigoroso da ideia de liberdade que desaparece na pós-modernidade; o que se tem agora é o surgimento de novos valores “que visam permitir o livre desenvolvimento da personalidade íntima, legitimar a fruição, reconhecer os pedidos singulares, moldar as instituições de acordo com as aspirações individuais”.¹⁵

O ideal moderno visava, assim, a subordinação do indivíduo às regras racionais coletivas, enquanto o ideal pós-moderno almeja a pulverização do antigo ideal através do “processo de personalização”, cujo valor fundamental promovido teria sido o da realização pessoal e o respeito pela “singularidade subjetiva”, isto é, a “personalidade incomparável”.

A ideologia individualista encontra, deste modo, sua mais recente manifestação na busca desenfreada pela maximização do ato de fruir a vida, o que implica, necessariamente, o direito do indivíduo ser absolutamente “ele próprio”. Estamos, então, imersos em uma sociedade que transformou o indivíduo livre em valor crucial, mas é preciso atentar para o fato de que a lógica individualista (e o concomitante direito à liberdade) ultrapassa, em tempos pós-modernos, segundo Lipovetsky, as esferas da economia e da política e atinge, visceralmente, o cotidiano e os costumes. Trata-se de uma transformação dos estilos de vida associado à revolução do consumo. A transformação dos valores individualistas estaria, assim, presa à referida revolução que teria fomentado tal desenvolvimento dos direitos e desejos individuais.

Viver livre e sem coação, escolher sem restrições o seu modo de existência: não há outro fato social e cultural mais significativo quanto ao nosso tempo; não há aspiração nem desejo mais legítimo aos olhos dos nossos contemporâneos (LIPOVETSKY, 1989, p. 10).

Se o processo de personalização se configura como uma estratégia global que opera uma mutação radical (e geral) “no fazer e querer das nossas sociedades”, o que se observa na pós-modernidade é uma “vontade de autonomia e de particularização dos grupos e dos indivíduos”.¹⁶ Como exemplo desta última fase do individualismo contemporâneo,

¹⁴ Lipovetsky, G., *ibid*, p.9

¹⁵ *Ibid*, p. 9.

¹⁶ *Ibid.*, p. 10. Mais uma vez constatamos a indeterminação, nas colocações do autor, entre autonomia e independência (aqui denominada de “particularização” dos grupos e indivíduos).

Lipovetsky cita o neo-feminismo associado à liberdade dos costumes e das sexualidades, além do “boom” das tecnologias psi (especialmente a partir dos anos setenta, no que diz respeito, por exemplo, a sociedade como a sociedade carioca), desejo de expressão e de realização do eu, movimentos “alternativos” (a “onda esotérica”, por exemplo). É impressionante a ainda atual associação do “feminino” a manifestações de ordem dita libertária e atentas ao amplo escoamento do que se compreende, hoje, como “singularidade individual”. Por outro lado, o universo masculino é definido, especialmente pelos meios de comunicação de massa, como o lugar por excelência da velha ordem disciplinar, resquício, portanto, da “velha” modernidade.

A busca de uma identidade própria desvinculada de uma identidade universal que determine as ações sociais e individuais se tornou um alvo “cego”, uma obrigatoriedade, cujo ápice é o advento do narcisismo como padrão psíquico dominante, uma vez que, através de seu mecanismo de autoabsorção, permite radicalizar o desinvestimento da esfera pública.

Tornando o Eu alvo de todos os investimentos, o narcisismo empenha-se em ajustar a personalidade à atomização alcochoada engendrada pelos sistemas personalizados. Para que o deserto social seja viável, o Eu deve tornar-se a preocupação central: não importa que a relação seja destruída, contanto que o indivíduo seja levado a absorver-se em si próprio (LIPOVETSKY, 1989, p. 53).

A segunda revolução individualista (L. Dumont), ou o “processo de personalização” (G. Lipovetsky), produziu, simultaneamente, a anexação cada vez mais definitiva das esferas da vida social e o recuo concomitante do processo disciplinar; duas lógicas antinômicas que marcam a sociedade pós-moderna. Dispositivos abertos e plurais caracterizam a socialização pós-moderna, o que leva Lipovetsky a concluir sobre a legitimação do individualismo hedonista e personalizado. “A era da revolução, do escândalo, da esperança futurista, inesperável do modernismo, terminou”.¹⁷

O resultado de todo este processo é, para o autor em pauta, a emergência do sentimento de indiferença de massa (ou “indiferença pura”), associado aos sentimentos de saciedade e, principalmente, estagnação. A personalização hedonista dissolveu toda e qualquer crença no futuro (“as manhãs radiosas da revolução”) e instaurou a “era do narcisismo” onde a meta é “viver já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forjar o homem novo”. A própria noção de vanguarda, do inédito se esvaziam em um infundável

¹⁷ Ibid, p. 10.

sentimento de “déjà vu”. A banalização do novo e a dissociação futuro/processo tornaram o “eu” contemporâneo ávido de intimidade, diferença, realização pessoal imediata. A apatia e o desencanto encontram eco em um composto de narcisismo e hedonismo onde não há mais lugar para a mudança, sobrando, apenas, o “vazio” e a “indiferença generalizada”.

Já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar multidões, a sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si mesma ou projeto histórico mobilizador: doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico, nem apocalipse (LIPOVETSKY, 1989, p. 11).

Paralelamente a estas questões, Lipovetsky traz à tona a discussão relativa à relação individualismo/personalização e sociedade de consumo, quando, ao contrário, o processo de personalização próprio à contemporaneidade não cessa de lhe alargar as fronteiras. A pós-modernidade nos destinaria, inevitavelmente, ao consumo e este se estenderia, cada vez mais, à esfera privada, “ao devir do ego chamado a conhecer o destino da obsolescência acelerada, da mobilidade, da desestabilização”.¹⁸ O indivíduo pós-moderno (o sujeito tornado indivíduo) consome sua própria existência através dos media, tempos livres e técnicas relacionadas.

O processo de personalização gera o vazio em technicolor, a flutuação existencial na e pela abundância dos modelos, mesmo que condimentados de conviviabilidade, de ecologismo, de psicologismo... estamos na segunda fase da sociedade de consumo cool e já não hot, consumo que digeriu a crítica da opulência (LIPOVETSKY, 1989, p. 12).

Um outro tópico decisivo no pensamento de Lipovetsky é o conceito de narcisismo¹⁹ definido como símbolo da passagem do “individualismo limitado” (primeira revolução individualista). O narcisismo refletiria este culminar da esfera privada cujo modelo é “a psicologização do social, do político, da cena pública em geral, na

¹⁸ Ibid, p. 11

¹⁹ Ver o artigo “Narciso ou a estratégia do vazio”, in “A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo”, Lipovetsky, G., *ibid*.

Neste artigo, pág. 14 do livro citado, encontramos: “O narcisismo não se identifica com o descomprometimento político do momento, mas corresponde mais amplamente à descrepitação dos temas políticos e ideológicos e ao sobre-investimento concomitante das questões subjetivas. Windsurf, skate, asa-delta, a sociedade pós-moderna é a época do deslizar, imagem desportiva que ilustra de perto um tempo em que a res pública já não tem qualquer elo sólido, qualquer ponto de ancoragem emocional estável”. E mais: “A família, as numerosas organizações que servem hoje de meios de expressão, as tecnologias analíticas e terapêuticas: estamos muito longe da estética monadológica, o narcisismo é pop-psi”, *ibid*, p. 15.

subjetivação de todas as atividades outrora impessoais ou objetivas”.²⁰ Contrariamente à época moderna, assombrada pela produção e pela expressão, o narcisismo apontaria, então, para a expressão a todo custo, do primado do ato de comunicação sobre a natureza do que é comunicado e, conseqüentemente, a indiferença pelos conteúdos.

Comunicar por comunicar, exprimir-se sem outro objetivo além do de se exprimir e ser registrado por um micropúblico, o narcisismo revela aqui como noutros lugares a sua conivência com a dessubstancialização pós-moderna, com a lógica do vazio (LIPOVETSKY, 1989, p. 16).

Conclusão

Com base nas reflexões do autor em questão, cremos se ser possível pensar o hedonismo e o psicologismo como formas possíveis de individualização na alta modernidade.²¹ É a categoria de espetáculo que vai permitir discutir o modelo geral da vida nas sociedades pós-modernas. A categoria em pauta nos traz o tema da sedução que se transforma no eixo central do processo sistemático de personalização que configura o mundo pós-moderno. Segundo Lipovetsky, a estratégia predominante nas sociedades contemporâneas aponta para “uma apoteose das relações de sedução” em detrimento das relações de produção. Se o espetáculo age pela transformação do real em representação falsa e se seduzir supõe o ato de enganar pelo jogo das aparências, a contemporaneidade encontra no mundo do consumo uma multiplicidade de produtos, imagens e serviços em que o hedonismo se insere como reflexo do self-service narcísico disponível à “indivíduos mergulhados num universo transparente, aberto, oferecendo uma circulação e uma seleção livres”.²² Assim como somos direcionados para uma identidade constituída em moldes hedonistas e permissivos, também enxergamos a substituição da homogeneidade disciplinar pela pluralidade pós-moderna como caminho para uma austera busca pela realização dos desejos.

A sedução remete para o nosso universo de gamas opcionais, de seções de produtos exóticos, de ambientes psi, musical e informacional, no qual cada um pode à vontade compor a lista dos elementos da sua existência (LIPOVETSKY, 1989, p. 19).

²⁰ Ibid, p. 15.

²¹ Indo um pouco mais além, por que não admitir, a hipótese de que o esoterismo (tão em voga na atualidade) e a busca por referenciais identitários nas religiões orientais não comungariam do mesmo processo que o hedonismo e o psicologismo, isto é, o direito e o prazer narcísico do indivíduo que se expressa apenas para si mesmo e que, portanto, encontra em harmonia com a referida dessubstancialização pós-moderna e a lógica do vazio?

²² Ibid, p.18.

No momento em que a sedução deixa de ter vínculos com a “representação falsa” ou com a “alienação das consciências”, a independência e, com ela, o psicologismo se tornam fontes essenciais para a construção da identidade na pós-modernidade. “Independência como um traço de caráter, uma maneira de viajar segundo um ritmo seu, de acordo com os seus próprios desejos, construa a “sua” viagem”.²³

A pós-modernidade se caracteriza, assim, de acordo com Lipovetsky, em um tempo onde a vida se define pela ausência de um imperativo categórico (ou onde este se resume na exigência individualista da idiossincrasia) e onde, simultaneamente, a vida se transforma em um kit modulado em função das motivações individuais. A infinita oferta das fórmulas independentes torna a sedução em curso na contemporaneidade tanto uma sedução non-stop, quanto, nas palavras do autor, uma “sedução privática”.²⁴

Referências

- DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FOUCAULT, Michel, **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Portugal: Relógio D'Água, 1989.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade** – niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VILLAÇA, N. **Em pauta**: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad/CNPQ, 1999.

Resumo: O artigo visa discutir o advento da cultura individualista característico da modernidade onde percebemos a substituição dos princípios da hierarquia e da tradição pelos princípios da igualdade e da liberdade com base no pensamento de Lipovetsky. A

²³ Ibid, p. 19.

²⁴ “Longe de ser um agente de mistificação e de passividade, a sedução é destruição cool do social através de um processo de isolamento, que já não surge administrado pela força bruta ou pelo quadriculado regulamentar, mas através do hedonismo, da informação e da responsabilização. Com o reino dos media, dos objetos e do sexo, cada indivíduo se testa, se vira mais para si próprio à espreita de sua própria verdade e do seu bem-estar, tornando-se responsável pela sua vida, devendo gerir o melhor possível o seu capital estético, afetivo, físico, libidinal, etc. Aqui socialização e dessocialização identificam-se.”, *ibid*, p. 23.

derrocada de valores holistas e a ascensão da lógica individualista promovem consequências decisivas na concepção de identidade onde estão mescladas as noções de independência e autonomia. Diferentemente da pós-modernidade, onde a independência se torna o valor central, a modernidade se caracteriza pela recusa do reconhecimento do outro como alteridade absoluta e onde a autonomia se torna o fundamento da subjetividade.

Palavras-chave: Identidade; lógica individualista; modernidade.

Abstract: This article aims at a discussion about the arousal of an individualistic culture in which we can notice the replacement of the principles of hierarchy and tradition by the principles of equality and liberty upon Lipovetsky's thoughts. The falling of the holistic values and the rise of the individualistic logic promote decisive consequences on the conception of identity where the notions of independence and autonomy are merged. In opposition to postmodernity where independence becomes the central value, modernity is characterized by the refusal of the acknowledgment of the other as an absolute otherness and where autonomy becomes the basis of subjectivity.

Keywords: Identity; individualistic logic; modernity.

Recebido em: 14/6/2020.

Aceito em: 28/11/2020.